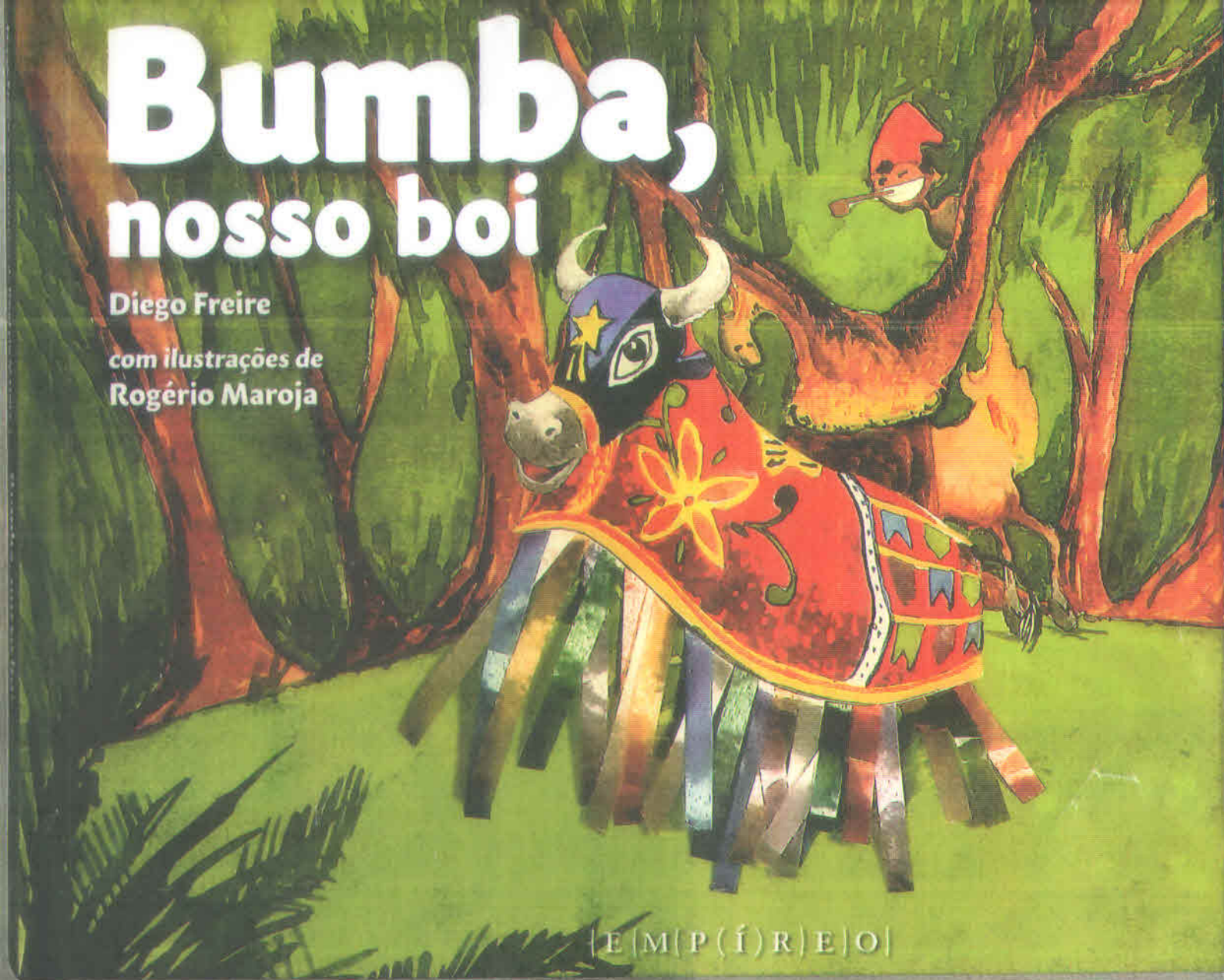


Bumba, nosso boi

Diego Freire

com ilustrações de
Rogério Maroja



|E|MP|Í|R|E|O|





**“O gato mia, o pinto pia, o cachorro late...
Um boi sem mugido é um boi sem identidade!”**



O boizinho passou por poucas e não tão boas com os outros bichos da fazenda, que çaçoavam do jeito diferente como ele passara a falar após perder a língua, mas encontrou amizade em outras criaturas muito especiais – como o Saci, que não tem uma perna, mas dá rasteira em qualquer dificuldade. Juntos, os queridos personagens do nosso folclore dão uma lição sobre como tratar as diferenças. E Bumba, que perdeu a língua, com sua história repleta de magia e superação, ganhou um lugar especial na cultura brasileira, dançando e exibindo seu manto enfeitado em festas populares de todas as regiões do Brasil.



| E | M | P | (Í) | R | E | O |



Todos os direitos reservados
Copyright © 2016 Diego Freire
Copyright das ilustrações © 2016 Rogério Maroja
Copyright © 2016 Editora Empíreo

Editor
Filipe Nassar Larêdo

Projeto gráfico e diagramação
Rogério Maroja

Fotos das páginas
Rafael Evangelista

Revisão
Toni Moraes
Carolina Amaral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

F866b Freire, Diego

Bumba, nosso boi / Diego Freire ; ilustrado por Rogério Maroja. –
São Paulo : Empíreo, 2016.
40 p. : il. ; 22cm x 17cm.

ISBN: 978-85-67191-26-3

I. Literatura infantil. 3. Folclore. 4. Cultura. 5. Educação. 6. Livro
ilustrado. I. Maroja, Rogério. II. Título.

CDD 028.5
CDU 82-93

2016
TODOS OS DIREITOS DESTA
EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORA EMPÍREO
RUA CAJAÍBA, 451
VILA POMPEIA
05025-000 – SÃO PAULO – SP
TELEFONE (11) 2309-2358
WWW.EDITORAEPIREO.COM.BR
CONTATO@EDITORAEPIREO.COM.BR



Todo livro deve ser mantido ao alcance de
qualquer pessoa e em contato com os olhos.
Conservar na temperatura de seu ambiente.

[E|M|P|(f)|R|E|O]





A Eduarda
dedico esta história

E também a Papete
quem primeiro me disse
ainda na escola
que boi não fala
mas fica triste
e chora.
Diego

Para Noêmia e Lucas
pelo carinho e paciência.
Rogério

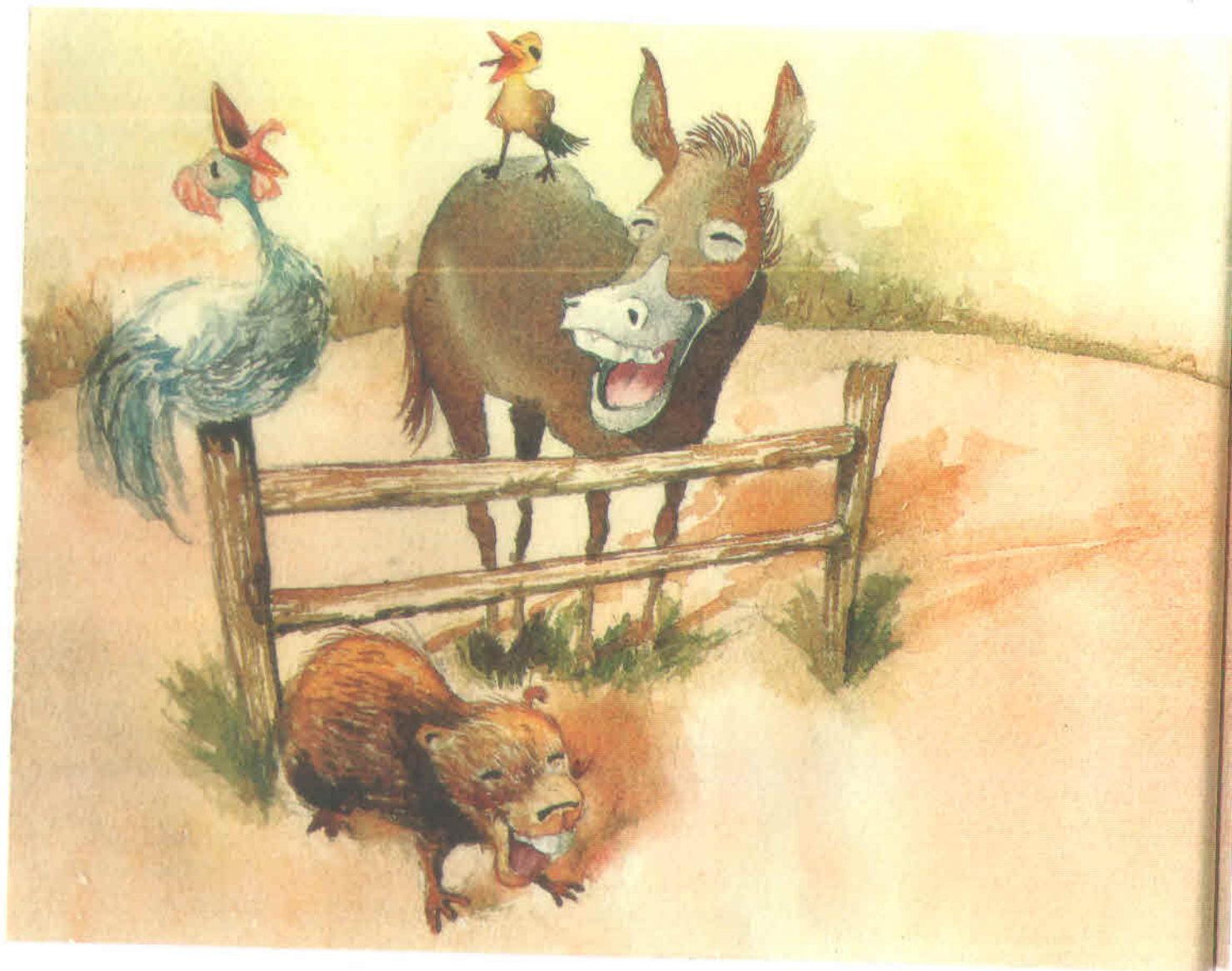


Todo livro deve ser mantido ao alcance de
qualquer pessoa e em contato com os olhos.
Conservar na temperatura do seu ambiente.

[E]M[P]R[E]O

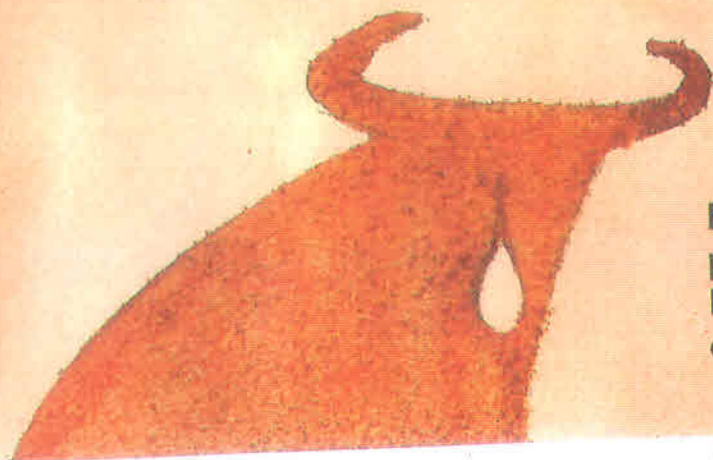


Quem vê o boizinho Bumba dançando no meio do arraial, de estrela na testa e balançando seu manto todo enfeitado, não imagina que aquela alegria quase lhe foi tomada - junto com sua língua! É que Catirina, que vivia na fazenda com seu marido, o vaqueiro Chico, estava grávida e cismou que queria comer língua de boi. E desejo de grávida não se nega; do contrário, a criança nasce com a cara da comida que foi negada, dizem os antigos. Já pensou? Um bebê com cara de boi!? Bumba não achava nada mau - afinal, ele próprio já havia sido um bebê boi. Mas Chico ficou com medo da superstição - e de Catirina também, que era braba como ela só - e Bumba acabou sem língua. O boizinho passou por poucas e não tão boas com os outros bichos da fazenda, que caçoavam do jeito diferente como ele passara a falar depois de perder a língua, mas encontrou amparo em outras criaturas muito especiais: o Saci, que não tem uma perna, mas dá rasteira em qualquer dificuldade; a Mula sem Cabeça, que não tem - adivinhe - cabeça; e o Boitatá, que, bem, nem boi é. Juntos, os queridos personagens do nosso folclore dão uma lição aos bichos e à gente sobre como tratar as diferenças. E Bumba, que perdeu a língua, com sua história repleta de magia e superação, ganhou muito mais: um lugar especial na cultura brasileira, dançando e exibindo seu manto enfeitado em festas populares de todas as regiões do Brasil. Ainda que chamado de nomes diferentes em cada uma delas, o bumba-meu-boi é de todos nós. Bumba, nosso boi!



**“Boi, boi, boi...
Boi da língua presa...”,
cantava a turma da natureza
ao ver o boizinho Bumba passar.**

**Todos se apressavam pra caçar:
galinha, burro, passarinho, preá...**



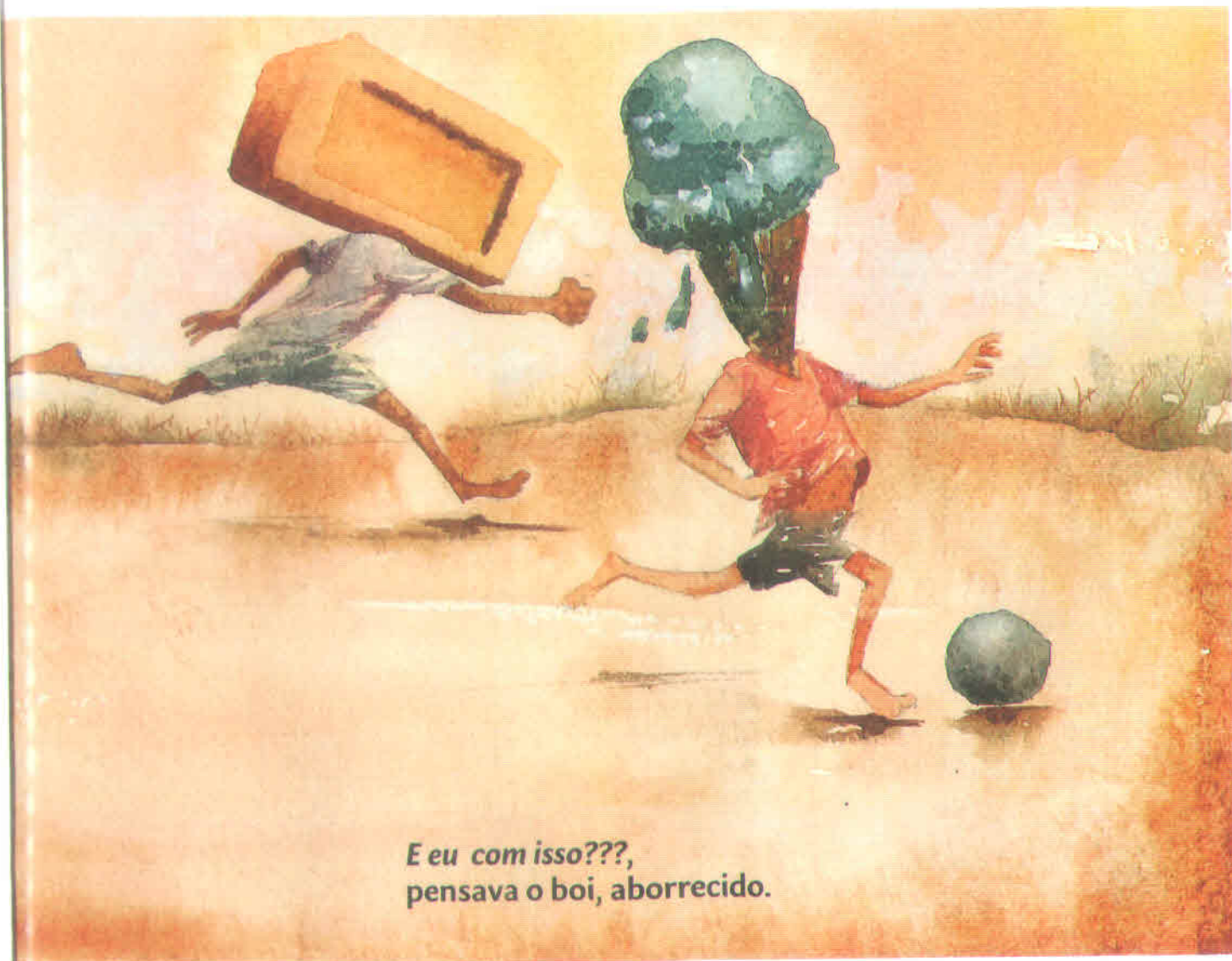
**Bumba, calado, a tudo ouvia
por não ter mais sua língua.
Dia e noite, noite e dia
o boi era alvo de zombaria.**

Nem mesmo um simples mugido!
E tudo por causa de um capricho,
pensava, inconsolável, o pobre bicho
ao lembrar do dia fatídico.

O dia em que a grávida Catirina
teve um insano desejo:
comer a língua do boi mais querido
das terras do fazendeiro.
Chico, seu marido, não teve opção
e aí começou a confusão.

Dizem que se desejo de grávida
por comida não for atendido
a criança nasce com a cara
daquilo que não foi comido.





*E eu com isso???,
pensava o boi, aborrecido.*

E não queria nem saber:
"Chico, algo tu tens que fazer!"
Para o boizinho voltar a viver
só se um milagre acontecer.

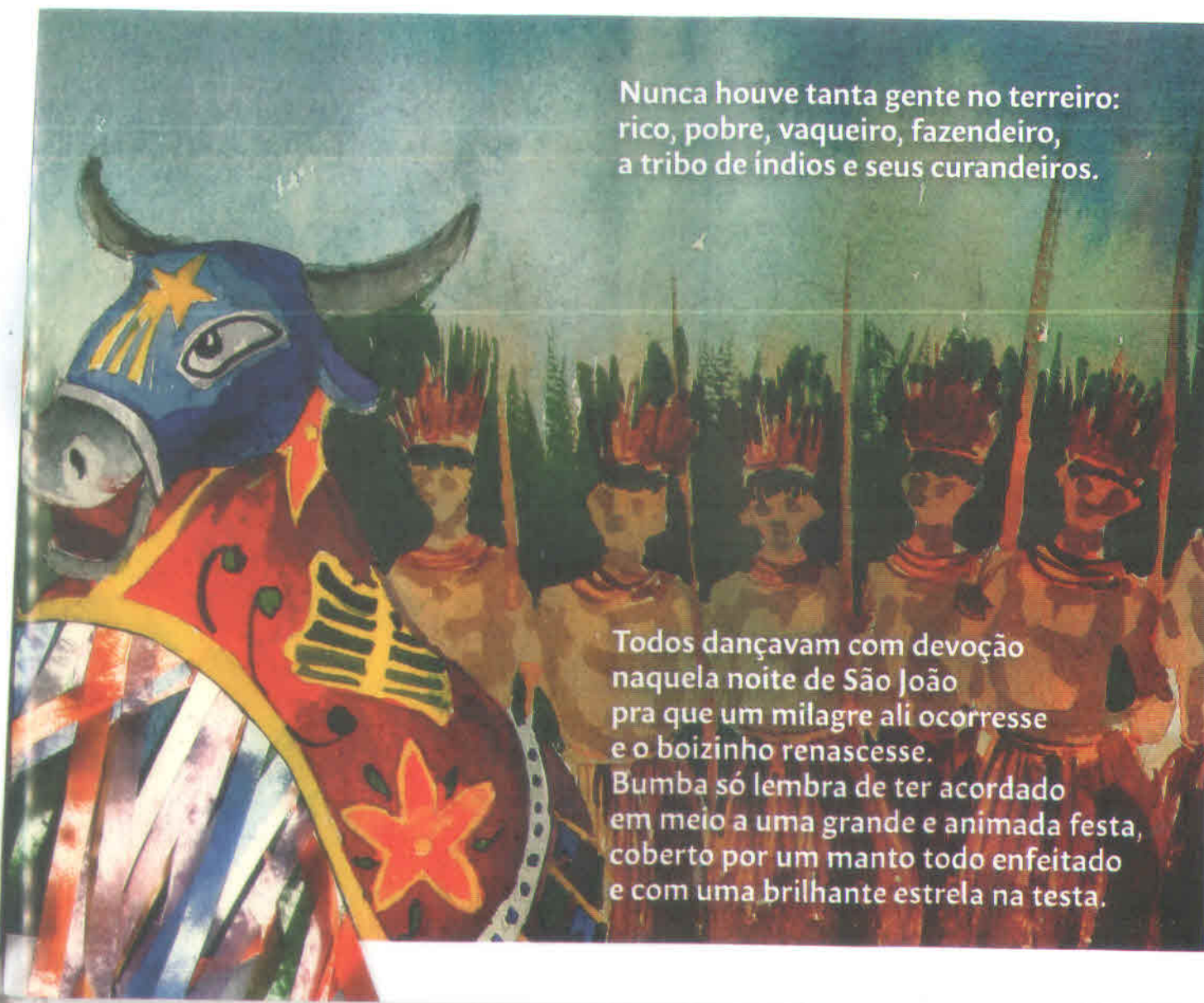


É que Catirina engoliu a língua do boi,
mas o fazendeiro não engoliu a história.
“Ou vocês trazem meu bicho de volta
ou eu vou castigar os dois!”

Foi quando uma ideia maluca
martelou no juízo de Chico
que foi correndo pedir ajuda
aos índios com seus feitiços.

Havia por ali uma velha tribo
de índios sábios e destemidos
que dominavam com grande destreza
os mistérios da natureza.





Nunca houve tanta gente no terreiro:
rico, pobre, vaqueiro, fazendeiro,
a tribo de índios e seus curandeiros.

Todos dançavam com devoção
naquela noite de São João
pra que um milagre ali ocorresse
e o boizinho renascesse.
Bumba só lembra de ter acordado
em meio a uma grande e animada festa,
coberto por um manto todo enfeitado
e com uma brilhante estrela na testa.

A volta de Bumba alegrou tanto o amo
que a festa se repete todo ano.
Bumba se alegrou, mas não por completo.
Faltava algo ao boi predileto.

O feitiço o trouxe de volta à vida,
mas não trouxe de volta sua língua.

E sem língua não dá pra falar direito,
logo notariam os outros bichos.
Bumba, então, ficou com medo
de ser motivo de piada e riso.





O que, de fato, foi o acontecido
quando Bumba tentou falar com os amigos.
A fala saía toda enrolada
e a cada palavra era uma gargalhada.

A coisa piorava com o "R" e o "L".
Que sem a língua não dá pra fazer.
Tente você, sem a língua mexer, dizer:
"Jabuti sabe Ler, não sabe escRever".

Pois até o jabuti zombava de Bumba.
Logo ele, que também era azucrinado
por viver enfurnado naquele casco
e andar devagar, sempre atrasado.





A mesma coisa faziam as aves,
voando e cantando em tom de alarde,
pedindo pra Bumba seus nomes repetir:
quero-quero, periquito, arara, colibri.

O galo também não perdoava.
E toda manhã do boi caçoava
quando, cedinho, do alto, cantava
“Lá vai o boi da fala enrolada!”

Bumba, triste, dormia e acordava
cada vez mais calado e desolado.
Jabuti, passarinho, galo, cavalo...
Nenhum amigo dali sobrara.

“Por que é que aqui ninguém me respeita?
Ah, se eu fosse mais corajoso
igual ao Boi da Cara Preta...”

Mas o que Bumba descobriria
é que tinha muito mais valentia.

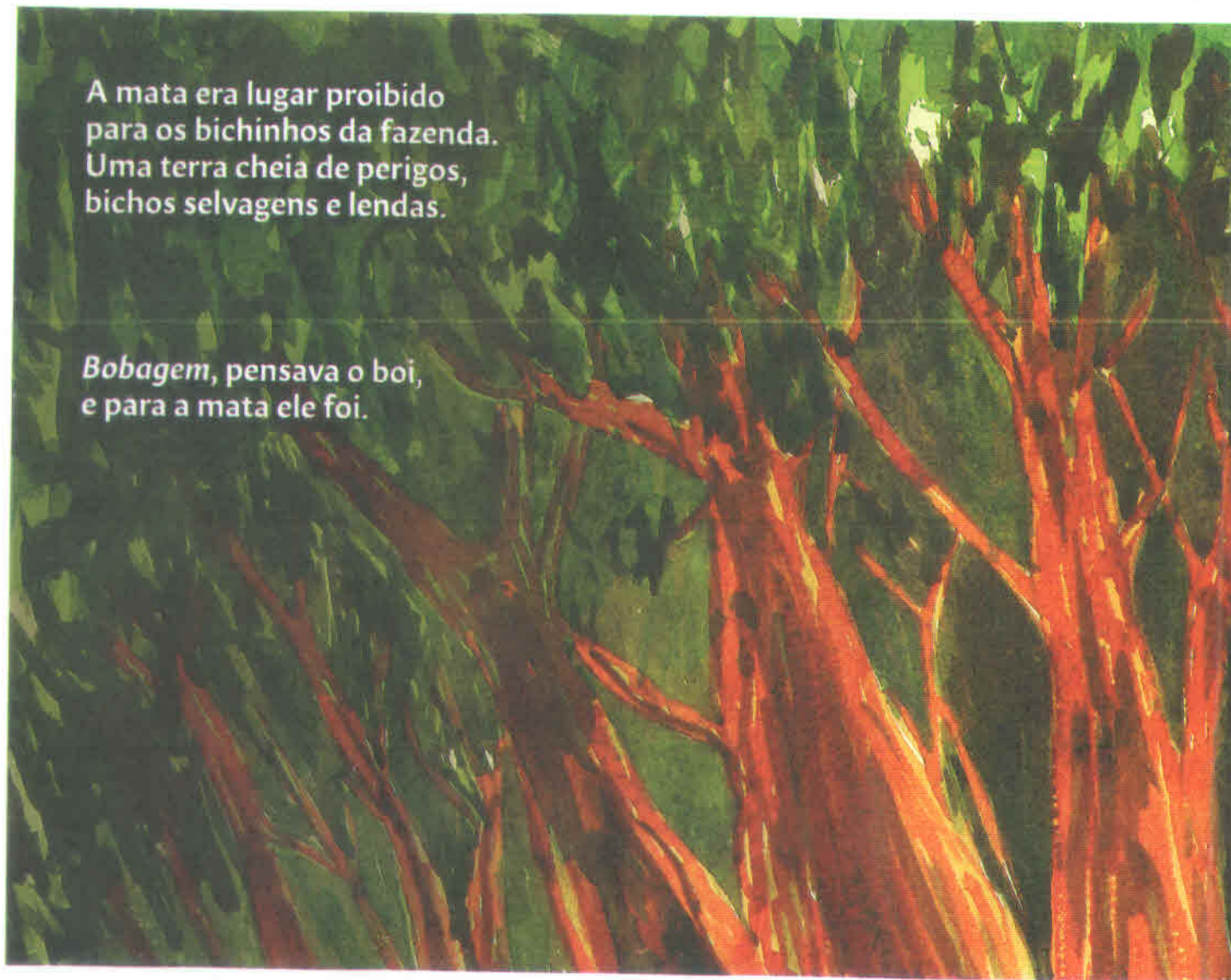
O triste boizinho, sozinho, então
tomou uma difícil decisão:
para a floresta ele fugiria,
escapando da zombaria.






A mata era lugar proibido
para os bichinhos da fazenda.
Uma terra cheia de perigos,
bichos selvagens e lendas.

Bobagem, pensava o boi,
e para a mata ele foi.






Bastou uma noite pra Bumba entender
aonde afinal ele foi se meter.
É que a mata era guardada por um ser poderoso,
mas um tanto ciumento e zeloso.

Ao ver Bumba dali se aproximar
o Saci tratou de o boizinho assustar.
Uma dupla da pesada ele foi chamar:
Mula-sem-cabeça e Boitatá!



A colorful illustration of a character with a red and blue body and a black head with horns, standing in a lush green forest. The character is positioned in the lower-left quadrant of the page. The forest is filled with various shades of green foliage and brown tree trunks. A large, dark green tree trunk dominates the right side of the illustration. The overall style is painterly and vibrant.

Mas Bumba sorriu em vez de gritar.
"Parece que enfim achei meu lugar!"

É que Bumba viu que toda aquela "gente"
era como ele: diferente.

A Mula, sem cabeça: só pescoço.
Ao Saci uma das pernas faltava.
Do Boitatá, então, nem se fala:
não era boi, mas uma cobra de fogo.

O Saci, desconfiado, ao boi perguntou:
"Por acaso você não se assustou?"
E Bumba, aliviado, por sua vez:
"Muito prazer em conhecer vocês!"





Por essa os três não esperavam
e pelo boizinho se afeiçoaram.
Bumba via tudo com curiosidade
e logo nasceu uma bela amizade.



Contando sua história aos novos amigos
Bumba disse preferir o perigo
de viver na mata, sob o luar
a ter que para a fazenda voltar.
Mas algo aqui está muito errado,
pensou o Saci, inconformado.

“Não é certo ter que fugir”,
disse o esperto e justo Saci.
“Bumba precisa voltar ao seu lar
e é nosso dever o amigo ajudar.”

Ao verem o boizinho ao lar regressar,
os bichos correram para caçar.

Mas algo os fez paralisar!

Atrás de Bumba vinha um trio
de causar tremendo arrepio.
Boitatá, Mula e Saci Pererê,
estavam lá para o amigo defender.

E dar aos bichos uma lição:
"Com nosso amigo não se faz bullying, não!"

Mas Bumba teve dó dos amigos bichos
e disse que nunca desejou ser temido.
O boizinho só queria ser amado
ou, pelo menos, respeitado.

"Não tem mal algum em ser diferente.
Boi, galinha, Saci, gente...
Numa coisa todo mundo é igual:
cada um, ao seu modo, é especial."



Os bichos a tudo ouviram calados,
de cabeça baixa, envergonhados
por o boizinho terem maltratado.

Um a um eles se desculparam
e a harmonia voltou a reinar na fazenda
entre bichos, homens, mulheres e lendas.



A história de Bumba logo se espalhou
e a todo canto do Brasil chegou,
e em cada lugar um nome ganhou
"o novilho brasileiro que a natureza criou".

No Amazonas e no Pará
ele é chamado de boi-bumbá.

Em São Paulo tem o boi-de-jacá.
No Ceará, por sua vez
chamam-no de boi-de-reis.
No Nordeste ainda tem
calemba, mulinha e cavalo-marinho.

No Espírito Santo tem Boi Pintadinho.

No Centro-Oeste, boi-à-serra
é como chamam o boi da terra.



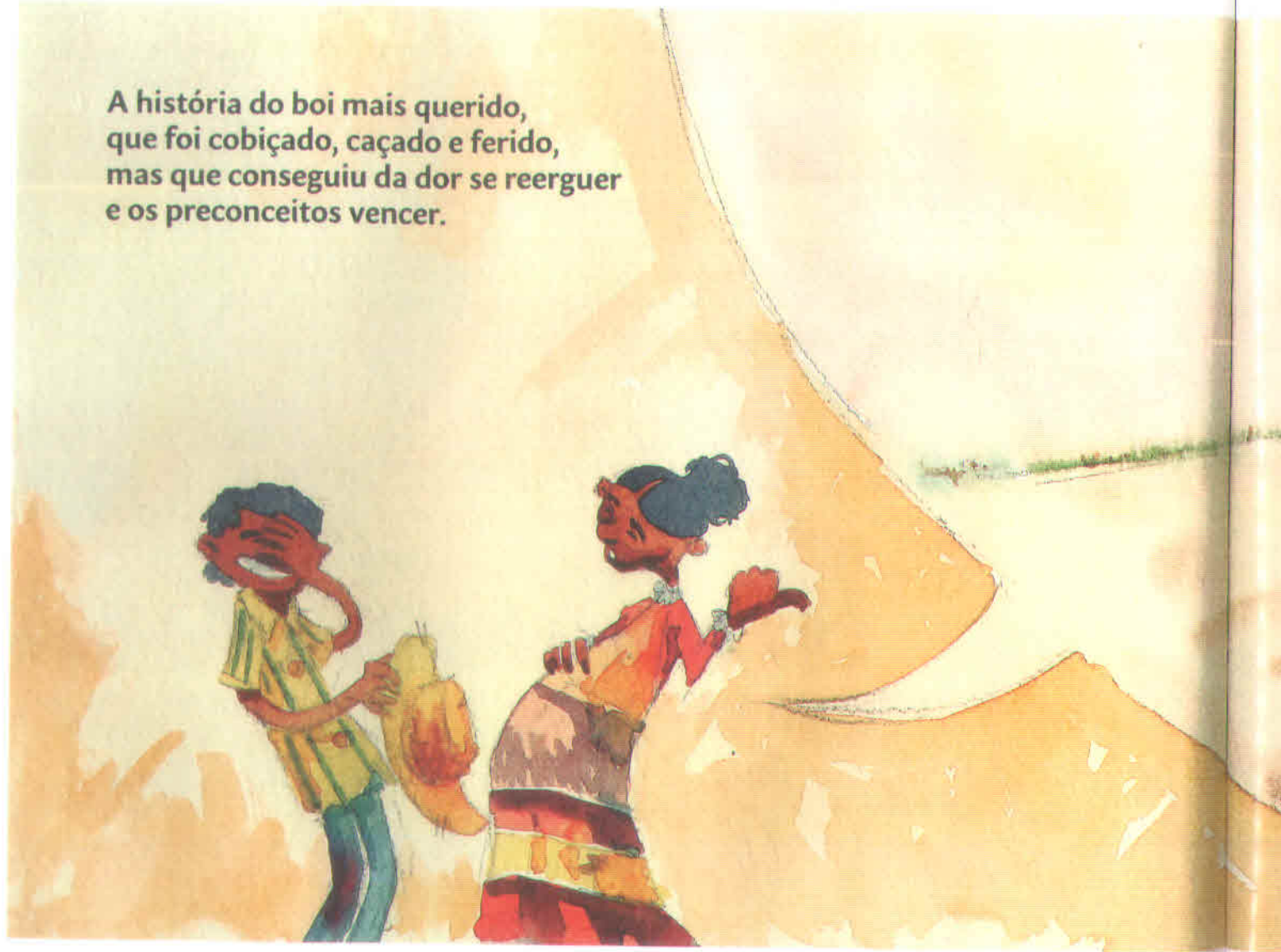
No Sul, ele é o boi-de-mamão
ou, ainda, boi-de-Mourão.

E bumba-meu-boi no Maranhão.



Juntavam-se matracas,
pandeirões e zabumbas
pra contar a história
do boizinho Bumba.

A história do boi mais querido,
que foi cobiçado, caçado e ferido,
mas que conseguiu da dor se reerguer
e os preconceitos vencer.





Agora quem anda meio preocupada
é uma tal de galinha pintada.
Catirina está grávida, e adivinha!
Quer comer ensopado de galinha.



O autor

Diego Freire é jornalista de ciência, graduado pela Universidade Federal do Maranhão e especializado pela Universidade Estadual de Campinas; mas, entre uma reportagem e outra sobre as últimas descobertas científicas, fica imaginando como seria se a Via Láctea fosse mesmo feita de leite ou se um boi perdesse sua língua e passasse a sofrer discriminação por “falar” diferente, entre outras esquisitices da nossa imaginação – coisas que os cientistas até podem tentar explicar ou negar, mas que a literatura, em especial a que se convencionou chamar de infantil, é capaz de realizar.